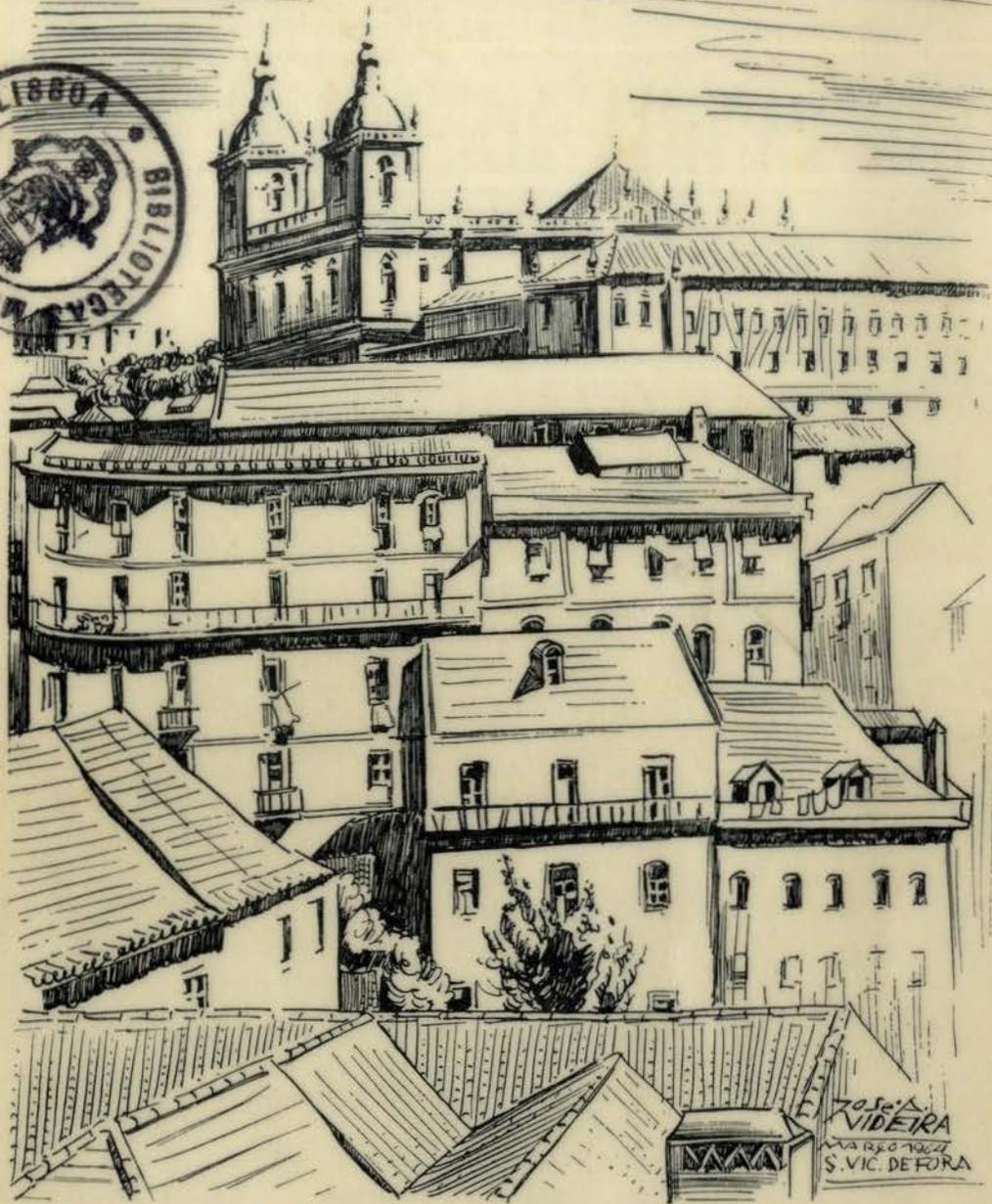


X



Jose A. VIDEIRA
 Rua do Vau 22
 S. VIC. DE FORA

OLISIPO

Boletim Trimestral do GRUPO AMIGOS DE LISBOA
 ANO XXVII - Abril de 1964 - Número 106



COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Le Baron Pierre Bonvoisin

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Eng. João Augusto Bexiga

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Sílvio Guimarães

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

●
**ON PARLE
FRANÇAIS**

●
**ENGLISH
SPOKEN**

●
Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para **HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

●
**Rua Augusta, 161 - Telef. 32 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA**

**Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO**

Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

PLANTAÇÕES E FÁBRICAS DE AÇÚCAR EM

LUABO e MARROMEU

●
PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE



*posso garantir
que os anúncios
nos bilhetes dos
carros eléctricos
e dos autocarros
são bons
... e baratos.
*
Peça informações*



CARRIS-PUBLICIDADE

CALÇADA DA BICA PEQUENA, 4-LISBOA 2-TEL.35035

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

Grandes e pequenas quantidades

LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58

• Telef. 32 86 63

• LISBOA

A

LEGAL & GENERAL

agradece aos

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros*

Capital e Reservas:

550 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES
MARÍTIMOS
E AÉREOS

AGÊNCIA DE TURISMO

CARVÃO, SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(Industriais, etc.)
FOLHA DE FLANDRES
E AÇÓIS
EXPORTAÇÕES
IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET" - DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7

Telef. 321368 - 321227 - 30054 — LISBOA



viaje pela



seguro na



Os nossos antepassados, quando viajavam, faziam-no com a segurança, rapidez e conforto que os meios de então lhe permitiam... As exigências da vida moderna tudo transformaram. Para um eficiente apoio ao apressado viajante dos nossos dias a STAR oferece, através de uma rede mundial de correspondentes, a experiência de todos os seus serviços, e a ATLAS, Companhia de Seguros — a cómoda tranquilidade de um seguro de viagens.

Oferta

27. JUL. 1983

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXVII

ABRIL DE 1964

NÚMERO 106

Director, o Presidente da Junta Directiva
FERNANDO FREITAS SIMÕES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 32 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16



SUMÁRIO

	Pág.
TEODORO LOPES RAMOS	51
DADORES DE SANGUE	52
MINHA TERRA	
Versos de <i>Laura de Aviz</i>	53
POESIA OLISIPONENSE	54
LUÍS DA COSTA MONTEIRO, O PRIMEIRO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
pelo <i>Doutor Gilberto Monteiro</i>	55
UMA TENTATIVA PARA SE CONSEGUIR A TRADUÇÃO DAS INSCRIÇÕES DA PEÇA TURCA DE S. JULIÃO DA BARRA	
por <i>Carlos Pereira Callixto</i>	65
O CARNAVAL DE OUTROS ANOS NA IMPRENSA DIÁRIA DE LISBOA	
por <i>Fernandes da Silva</i>	68
A FÁBRICA DE LOUÇA DE ALCÁTARA	
pelo <i>Doutor Gilberto Monteiro</i>	72
RELATÓRIO DA JUNTA DIRECTIVA RELATIVO AO ANO DE 1963 E TRIÉNIO 1961-1963	77
PARECER DA COMISSÃO DE CONTAS, RELATIVO AO EXERCÍCIO DE 1963	83
CORPOS-GERENTES PARA O TRIÉNIO 1964-1967... ..	85
ACTIVIDADE CULTURAL (do primeiro trimestre de 1964)	88
XXVII ANIVERSÁRIO DE «OLISIPO»	91
FEIRA DA LADRA	92

CAPA: S. Vicente de Fora, por *J. A. Videira*
VINHETAS de *Figueiredo Sobral* e *J. A. Videira*

Distribuição gratuita a todos os sócios
Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores



TEODORO LOPES RAMOS

Mais um, dos da arrancada inicial, que Deus nos levou. Sócio fundador número 84, antigo membro da Comissão de Contas e da Mesa da Assembleia-Geral, de que actualmente era Vice-Presidente, Teodoro Lopes Ramos foi um elemento prestimoso, que ao Grupo dedicou sempre todo o seu carinho e todo o seu interesse. A nossa Biblioteca possui algumas primeiras edições, oferta sua. Lopes Ramos vivia intensamente a vida do Grupo, como amava a sua cidade natal.

Recordá-lo com saudade é um dever de coração e de consciência. Paz à sua Alma.

DADORES DE SANGUE

Satisfazendo gostosamente nova solicitação feita pela «Comissão de Propaganda da Dádiva Benévola de Sangue», OLISIPO publica mais frases de divulgação desta generosa campanha :

- 1 — Em todo o Mundo há necessidade de se recorrer aos corações generosos para se obter sangue. Ofereça sangue e salve uma vida.
- 2 — Dê sangue. Depois de o ter dado, sentirá uma grande felicidade a inundar-lhe a alma, porque sente que fez alguma coisa desinteressadamente pelos outros.
- 3 — Os Portugueses precisam de realizar duzentas mil dádivas de sangue por ano, para poderem estar certos de ter sangue suficiente para se tratarem.

MINHA TERRA

Aos «Amigos de Lisboa»

Minha Lisboa peregrina
Irisada, irmã do Tejo,
Tens a magia divina
De caber toda num beijo!

Pequenina, colorida
Em doce policromia,
Contigo só é parecida
A velha, histórica, Leiria.

Do alto do seu castelo
Ambas são maravilhosas,
Envoltas num manto belo,
Bordado a pedras preciosas.

Da sua história não falo,
Isso seria um tropel!
Afonso, Martim Moniz,
D. Dinis, Santa Isabel.

Minha Lisboa perdoa
Não cantar o teu valor!
Faço versos, mas à toa,
Minha terra, meu amor...

Do livro
Minha Terra, Meu Amor!
— Lisboa, 1963

LAURA DE AVIZ

POESIA OLISIPONENSE

Minha Terra, Meu Amor!

(Versos), por Laura de Aviz

Com a publicação das composições que constituem este belo volume, Laura de Aviz (nome literário da Senhora D. Laura de Aviz Torres Baptista) acrescenta novo e valiosíssimo elemento aos que lhe granjearam, de há muito, justo renome como uma das mais distintas poetisas portuguesas, e que é igualmente declamadora de alto valor.

A crítica tem sido unânime em aplausos ao livro em referência. A eles junta OLISIPO o tributo da sua admiração pela Autora e também o preito do seu reconhecimento por haver dedicado aos «Amigos de Lisboa» os belos versos com que abre o livro, os quais com muito desvanecimento transcrevemos no presente número do nosso Boletim.

Mas a capital é também enaltecida em outra inspirada página — *Lisboa, nobre Cidade* —, inserta imediatamente após a sobredita poesia de abertura. Assim, a Autora, que enternecidamente canta a Terra Portuguesa, exalta de modo especial a nossa querida Lisboa, o que nesta pequena referência registamos com muito prazer.

O sopro patriótico que a anima sintetiza-o a ilustre Poetisa nas palavras preliminares do seu belo trabalho:

«Exprimo nesses mesmos versos o amor sincero que tenho à minha Terra — este lindo Portugal — e às suas glórias, bem como aos seus heróis e aos seus mártires, por isso não me preocupei com a métrica, apenas tentei imprimir-lhes ritmo, musicalidade e vibração patriótica.

E, se algum leitor deste livro sentir vibrar o coração de entusiasmo por ter nascido Português, sinto-me compensada.»

LUÍS DA COSTA MONTEIRO

O Primeiro Professor Português de

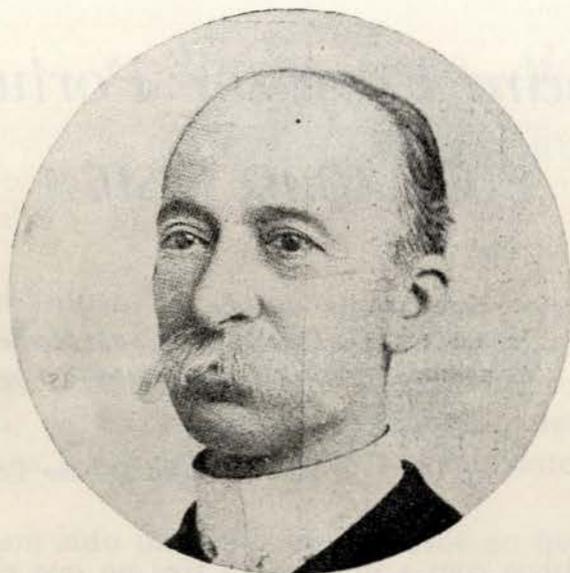
EDUCAÇÃO FÍSICA

*À Senhora D. Etelvira da Costa Monteiro, a menos nova
de todas as minhas Primas, respeitosa homenagem do autor*

pelo Doutor GILBERTO MONTEIRO

OLHEMOS Lisboa com a imaginação fixa no que ela seria em 1850 a 60, já com um pé na segunda metade do século XIX, vivendo a pacatez duma capital em potência. Os habitantes não desejavam mais do que o seu Passeio Público, os frescos caramanchéis das hortas dos arrabaldes, uma procissão nas ruas da Baixa e uma espera de toiros. No Passeio, em parada de elegâncias, o burguesismo temperava-se com a presença, de quando em quando, das reais personagens e da nobreza castiça do constitucionalismo; fora do Passeio, as classes mais modestas procuravam na simplicidade dos costumes ancestrais outras diversões onde o comer e o beber eram fulcro indispensável. As diversões públicas estiveram sempre mais ou menos concentradas no centro da cidade; os *Recreios Whitoyne* tinham estado nos terrenos onde hoje se encontra a estação dos caminhos de ferro do Rossio. Mais acima, do lado oriental, lá teve as suas glórias o teatrinho dos *Condes*; do lado oposto, correspondente à Rua do Salitre e Travessa das Vacas, estava o *Circo Price*. Na Alegria, estadeando pelo chão a heterodoxa misturanga de objectos curiosos e mais ou menos sujos e velhos, a *Feira da Ladra* que era então, como hoje é, um divertimento popular e aristocrático, segundo as velharias expostas são, ou não, consideradas antiguidades.

O Passeio Público, obra do Marquês de Pombal, marcava uma época social que tendia a findar. A Avenida da Liberdade, obra do cidadão Rosa de Araújo, marcaria o início da renovação de acordo com as novas correntes que norteavam a Sociedade. O nome dado à nova avenida era



Luís da Costa Monteiro

como a sigla do grande obreiro em luta com o passado, Rosa de Araújo, visionário e político urbanístico, que impunha uma nova arquitectura: demolir o Jardim e abrir a Avenida, o que tudo era uma revolução nos costumes da capital; os lisboetas não compreenderam a audácia do edil e reagiram de forma desagradável. Era o primeiro passo para actualizar Portugal; muito mais havia a fazer se outros homens devotados e clarividentes se revelassem.

A gente moça alfacinha vivia em pleno marasmo e no vício a que não seria totalmente estranho o Passeio. As suas actividades dispersavam-se pela estúrdia, amores fáceis, toiradas e fado. O *Circo Price*, instalado em Lisboa, polarizava a paixão dos garotos e dos moços como de costume acontece hoje quando estão sob a influência do espectáculo de circo que os leva à imitação dos exercícios acrobáticos. A juventude vivia encasulada no morno romantismo dos pais, avessos quanto possível à actividade muscular, não suportando a ideia de alterar as suas velhas

costumanças. A companhia dos artistas do Circo era estrangeira, com outros pontos de vista e mais amplas ambições de vida que justificavam a admiração das camadas novas da população da nossa Lisboa. É daí que vai surtir o início do grande movimento pró-educação física que colocará a rapaziada portuguesa a par da que estava para lá dos Pirinéus. Sob a influência dos espectáculos do *Circo Price* irá iniciar-se a educação física em Portugal. Entre os rapazes entusiasmados com a ginástica, um dos mais novos, Luís Maria de Lima da Costa Monteiro, organizou com os seus companheiros um grupo e todos alugaram um barracão na Costa do Castelo; pode supor-se hoje o que foi o seu esforço, a adaptá-lo e municiá-lo de aparelhagem de discutível qualidade e iniciar a prática da ginástica acrobática que o mais devotado dirigia como mestre e apóstolo, Luís Monteiro.

Ele logo de princípio viu o problema da ginástica em profundidade, não como uma diversão mas como um correctivo físico da raça, um tónico para a mocidade a quem era necessário orientar as energias e cultivar a saúde.

Pouco depois, em 1862, o grupo ginástico instala-se no Instituto Industrial, na Rua do Cardal a Jesus, onde Costa Monteiro começa a ministrar ginástica aos alunos com carácter, senão oficial pelo menos officioso, e onde ele e o seu grupo faziam larga propaganda. Aqui o professor começa a definir-se: era o iluminado em marcha triunfal servindo um ideal. Ele e os seus companheiros não hesitam em receber conselhos do velho Price, e este leva a sua generosidade ao ponto de pôr o seu circo à disposição do grupo de ginastas. Assim se realizou o primeiro sarau de amadores de ginástica, em Lisboa e naturalmente em Portugal. Imagine-se o júbilo desses inspirados e audaciosos jovens perante o êxito da sua iniciativa.

Falar de ginástica à sociedade lisboeta nesse tempo, em que os preconceitos burgueses e o temor do «parece mal» e das «conveniências» dominavam, era invocar os saltimbancos, pelotiqueiros e histriões com abstracção do quanto de elegância e harmonia de movimentos e de beleza plástica esses artistas exibem nas suas «habilidades», mercê de longa e perfeita educação física.

O grupo de jovens ginastas alfacinhas apresentou, no único local onde era possível na cidade, o resultado da sua devoção e estudo, pôs em relevo a generosidade de profissional do acrobata Price e consagrou o 1.º mestre de ginástica português, Costa Monteiro. As barras fixas, as argolas, o trapézio e as paralelas conheceram novos senhores e o público

convencionalista cedeu muito dos seus tolos preconceitos perante a beleza do espectáculo e a perícia dos amadores.

O resultado moral do sarau foi a afluência de novos e numerosos prosélitos e o caminho aberto para a consagração da cultura física. O pro-



O Circo Price

fessor Luís Monteiro foi contratado para a já célebre Escola Académica que, para ele, seria um verdadeiro laboratório pedagógico; introduziu modificações nos esquemas das lições, adaptando-os a indivíduos adolescentes e da 2.^a infância, onde a correcção respiratória e as deformações do esqueleto são sempre iminentes como problemas para a educação física. Era a ginástica pedagógica em prática pelo mestre nato, onde a intuição supria as lições dos grandes institutos estrangeiros auxiliada apenas por leituras, observação e experiência. Entretanto, dado o prestígio ascendente do mestre e dos seus companheiros, com o aumento destes foi necessário ampliar as instalações e é na Carreirinha do Socorro, hoje Rua Fernandes da Fonseca, à Mouraria, que o agrupamento de amadores da ginástica se instala já com o nome que ficou para sempre de

Ginásio Clube. Passou-se o facto da inauguração em 18 de Janeiro de 1875, data histórica não só para a nobre agremiação como para a educação física nacional. Luís Monteiro continuava a ser chamado para professor em outras escolas. Era a propaganda pelo facto e àquela juntava-se a Imprensa, a da palavra ilustre nas conferências por médicos célebres, alguns professores da Escola Médica; mais saraus e como apoteose em 1878 o Rei D. Luís chamou Costa Monteiro ao Palácio da Ajuda, onde o encarregou de instituir um ginásio para ministrar o ensino aos Príncipes, D. Carlos e D. Afonso.

O ministro da guerra, Visconde Sá da Bandeira, então na fase de reorganizar o exército, introduziu como pormenor essencial o ensino da ginástica no Colégio Militar então instalado na Luz e nomeou-o professor apesar de ele não ser militar. Honraria não para menosprezar mas que trazia as contingências da grande distância e da falta de transportes. A esta nomeação seguiram-se outras: Colégio Britânico, Escola Nacional, Escola Arriaga, Asilo de S. João, Bombeiros Municipais, etc. Aonde não é ele o professor, são os seus discípulos com quem está sempre ligado como amigo e mentor.

O Ginásio Clube progride, faz exhibições em saraus de beneficência, um em 1877 outro em 1881 no *Circo Price*. Costa Monteiro continua emprestando as suas energias ao clube que já tem muitos sócios e ginastas. O bondoso Rei D. Luís conferiu-lhe o título de Real. Da propaganda pela ginástica já resultou a criação de núcleos de amadores em Coimbra e Porto. A história do Real Ginásio está confundida com a do seu fundador e assim será até ao fim da sua vida. O Real Ginásio toma parte activa na inauguração do Coliseu dos Recreios e em 1883 já não cabe na Carreirinha do Socorro e muda-se para a Rua Nova dos Mártires, que hoje é Serpa Pinto, onde ainda está... pronto para a nova mudança segundo dizem as boas e as más línguas.

Em 1902 chega a Lisboa, vindo da Suécia, o médico Dr. João Abranches dos Santos; trazia ideias novas, trazia o método de Ling ou seja a ginástica sueca, como foi conhecida por toda a parte. Resolvem o Real Ginásio e o Dr. Abranches dos Santos abrir cursos livres nas salas do clube. No 1.º curso inscrevem-se os nomes já consagrados, praticantes da ginástica e professores da nova modalidade pedagógica, Carlos Xafredo, Álvaro Lacerda, José Pontes, João de Brito, Walter Awata, Artur dos Santos, Carlos Fernandes e Luís Maria de Lima da Costa Monteiro.

Este último, o professor já com nome célebre, não hesitou em enfileirar ao lado dos seus discípulos e dos seus ajudantes, dando assim ao

acto o significado de modéstia inteligente, exemplo para muitos. Ele aproveitaria para aprender ou aperfeiçoar o que sabia. Quanta Grandeza!

Diz José Pontes, nas suas memórias, ter várias vezes estudado com o Prof. Luís Monteiro na Escola Médica, sob os olhares sábios do Pro-



O mais antigo grupo existente nos arquivos do Ginásio, vendo-se ao centro o professor Luís Monteiro. Entre os restantes: Júlio Simas, Augusto Ferreira, António Martins, Henrique Martins, Luís Waddington, Karl von Bonhorst, Luís Martins, Jaime Piombino. Os seus trajes marcam a época inicial da grande cruzada, época acrobática.

fessor Serrano, quando ele se enfrontava nos mistérios da anatomia e da fisiologia na ânsia de bem se preparar. Devemos esclarecer que este saber era para uso próprio porque não havia nada estabelecido que obrigasse a exames. Sòmente escrúpulo e honestidade orientavam Costa Monteiro na sagrada devoção que sempre o iluminou.

E já no último período da vida, além de Presidente do Real Ginásio, é professor da classe de meninas. Na enorme e fecunda messe de que ele foi o semeador magno, os resultados são o prémio justo dele e de todos os colaboradores, esses são o reconhecimento em Portugal que a educação física é uma necessidade e um prazer, a par do saber ler.

Nas conferências de propaganda, como nos artigos dos jornais, brilharam nomes de médicos, pedagogos, escritores, tais como Carlos Tavares, Salazar de Sousa, Belo de Moraes, Ricardo Jorge, Adolfo Coelho, Ramalho Ortigão, etc. Nas salas de ginástica praticaram-na homens célebres pelas suas obras sociais ou pela sua ascendência. O ambiente social era todo ele favorável e por toda a parte se ouviam hinos de glória ao ideal que Monteiro e os seus companheiros tinham começado a servir em 1850 e tal. Ia chegar a consagração oficial e, ainda que envolta em empirismo, significava o reconhecimento do mérito e abria um futuro ao que ainda muitos poderiam chamar poltriquice, mas seria oficialmente ginástica. O ministério presidido por Hintze Ribeiro, em decreto, torna obrigatório o ensino da ginástica nos liceus de Portugal. Estávamos em 1902.

Em 1906 o mestre, forte de corpo e alma, idealista, crente, iluminado pela ideia e forte pela crença, está doente. Sofre, mas habituado a ser forte não se manifesta sofredor. Não deixa o trabalho, nem os seus hábitos, e só na antevéspera de morrer deixou de cumprir os seus deveres de professor e de servir a ginástica.



Na biografia do Professor Costa Monteiro apontámos o que era essencial e já tem sido publicado, mais ou menos diluído na primeira época dos anais do Ginásio Clube, onde os fastos respectivos se confundem.

A tríada, Price e o seu Circo, o Ginásio Clube e os seus primeiros atletas e o professor Luís Monteiro com a sua clarividência, energia e devoção são os três credores da gratidão dos Portugueses pela introdução da cultura física na nossa mocidade. O professor Costa Monteiro é o fundador da educação física em Portugal.

Arrancar a mocidade lisboeta à triste inacção, à sonolenta inabilidade física e fazê-la enfileirar a par dos jovens dos países mais adiantados, foi plano pedagógico que, inconscientemente ou por intuição, se pôs perante Costa Monteiro e seus companheiros na época da propaganda e das grandes dificuldades.

Foi dito, como prólogo, que o romântico Passeio Público fora condenado a desaparecer, e desapareceu, como início duma nova época da vida lisboeta. As grades do belo jardim encerravam velhos costumes e praxes, eram simbólicas dum passado que estava a ser substituído por nova ordem social que tendia a expandir-se e era incompatível com o enjaulamento.

Luz, muita luz, era uma necessidade social como era também uma necessidade individual. No vocábulo há toda a aspiração de ver claro e depressa os problemas que impendem sobre os povos, mas estes devem ser fortes, saber respirar e ter saúde. Cada indivíduo, como cada povo, tem que saber contar consigo, física, mental e moralmente. As duas obras iniciadas em Lisboa têm semelhança nas aspirações e na finalidade, completar-se-iam. Uma grande avenida na capital seria o modelo para substituir todos os passeios públicos de todo o País. A ginástica praticada pela juventude da capital seria copiada por toda a juventude de toda a Nação.

Confirmou-se o raciocínio, a ginástica efectivou-se, e veio permitir os desportos por todos os cantinhos da nossa Terra; com a reforma da arquitectura em todas as cidades, vilas e aldeias, afirmara-se a ansiedade de melhor viver.

Teria sido assim o fundo do sonho dos homens do tempo do Circo Price e das assuadas ao inspirado edil Rosa de Araújo?

Costa Monteiro vivia no seu lar como em toda a parte, dorso direito, físico e moralmente. A ginástica produziu nele o Homem que dominava o tempo e sabia conduzir as suas elevadas aspirações, elevando-se até elas.

Um dia observando-me, eu sou seu parente, dizia a meus pais: Precisa de ginástica individual, correctiva e respiratória; é fraco e só dentro de 2 ou 3 anos começará os exercícios. Virá a ser forte.

Falando assim não fez uma profecia mas um bom prognóstico.

Na sua residência, que eu frequentava com meus pais, estava fixa nas paredes do corredor uma barra de ferro que me deleitava na azáfama de fazer as cambalhotas de que é capaz todo o rapaz que foi ver os acrobatas ao Coliseu.

Eu confirmava desta maneira o que meio século depois me arrogava a escrever. O Primo Luís da Costa Monteiro nada me disse, apenas retirou de lá a barra por coerência; eu só devia fazer exercícios leves, limitados ao que uma criança faz naturalmente brincando com outra criança.

Um dia ele mostrava a meu Pai esquemas da moderna ginástica de Ling. Falava das dificuldades da anatomia e a rir citava como já conseguia conhecer os pequenos ossos só pelo tacto, possivelmente metatarsos e metacarpos. Esta façanha era o eco das lições do Prof. Serrano. A exigência do anatomista era um prazer para o estudioso e disciplinado aluno para quem só contava o aperfeiçoar-se.

De manhã saía invariavelmente cedo, cerca das 7 horas, e o seu desjejum era também, invariavelmente, uma malga com sopas de leite

com café. Disciplina nos horários, disciplina no regime alimentar, disciplina da actividade profissional, em uma palavra, ritmo na vida!

Disse ele diante de mim que, para aprender seja o que for, deve-se ser disciplinado pelo menos perante as dificuldades e tomá-las a sério: *Noutro dia tive de queixar-me a Sua Majestade a Rainha contra seu filho*



Jardinete em frente do portal do Instituto Nacional de Educação Física

D. Afonso, por se ter mostrado menos atento e brincando sem dar atenção à minha lição, o que eu não permito a nenhum dos meus discípulos.

Vem a propósito dizer que o mestre tinha especial predilecção pelo Infante D. Afonso e neste caso era ele o faltoso, mas «dura lex sed lex».

Essa disciplina inteligente deu-lhe uma força especial de autodomínio que o ajudou a resistir ao sofrimento no fim da vida.

Com uma grave ulceração no pescoço recebia o penso que lhe fazia um enfermeiro de manhã cedo, tomava as suas tradicionais sopas de café com leite e saía para dar a primeira lição. Sem se queixar, assim fez até à antevéspera de morrer.

Considerava o Ginásio Clube e a Escola Académica como seus filhos.

A aparente dureza disfarçava um carácter romântico bondoso, o que talvez justifique toda a sua vida em favor da grei.

Lisboeta, trabalhando em Lisboa, morando em Lisboa, consagrando toda a sua obra à Nação, todos os Portugueses lhe devem gratidão pelo muito que produziu em seu favor. A capital deu o nome do Professor Luís Monteiro, sem que explique quem Ele foi, a uma rua bem secundária do bairro da Penha de França; na fachada da casa onde ele viveu longos anos, e onde morreu, na Rua dos Sapateiros n.º 91 - 4.º, na esquina da Rua da Vitória, colocou uma lápide que, naturalmente, ninguém pode ler dada a distância.

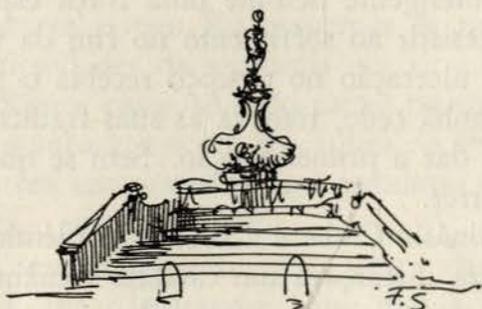
À pobre homenagem prestada pela Câmara Municipal de Lisboa veio associar-se uma outra promovida por uma comissão de admiradores que, com dificuldades de ordem económica, produziu uma «estátua» pesa-papéis que, com o contributo da Câmara, foi colocada na placa oriental em frente da Rua Manuel de Jesus, na Avenida da Liberdade, em Maio de 1932. Representava um efebo nuzinho, com as pernas em rígida posição de sentido, no braço esquerdo mostrando um medalhão com a efígie do Professor Luís Monteiro e no direito levantado bem alto a mão segurava um molho de folhas de planta desconhecida; se não é tudo o gesto, aqui, pode representar o olimpismo em pedra calcárea e pelintra, um mimo de obra de canteiro apropriada a ser apresentada num cemitério. Um dia desapareceu o monumento. A quem o fez desaparecer, muito obrigado!

Já que falamos de monumentos, apetece perguntar:

Não será o Ginásio Clube Português o melhor monumento a Luís Monteiro?

Não será oportuno colocar o seu busto em bronze no jardinete que está em frente do Instituto Nacional de Educação Física, o I. N. E. F., na Cruz Quebrada?

Em Linda-a-Velha, Novembro de 1963.



UMA TENTATIVA
para se conseguir a tradução das
inscrições da Peça Turca
DE
S. JULIÃO DA BARRA

FOI com gosto e interesse que tomei conhecimento do artigo, publicado no n.º 105 de OLISIPÓ, acerca da peça de artilharia hoje existente na Torre de S. Julião da Barra e na devida consideração tomei o apelo do seu autor, o ilustre General Pereira do Valle.

Desde há muito me interessando pelo passado dos nossos fortes marítimos e tendo publicado a seu respeito o meu primeiro trabalho na *Revista Defesa Nacional*, no ano de 1941 — onde continuei a colaborar e até hoje ficaram estudados todos os pontos fortificados do litoral desde a Foz do Minho à Península de Peniche — é sempre com satisfação que vejo alguém dedicar-se a qualquer assunto que aos mesmos se refira.

Não sabendo infelizmente a língua árabe e sendo para mim o significado da sua caligrafia pouco mais que rendas de camisa, a minha resposta ao apelo do Sr. General será apenas a de um intermediário, mas logo ao acabar de ler o seu interessante artigo pensei enviar o Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa» para conhecidos meus de Lourenço Marques, que são de descendência muçulmana, ou então recorrer a um correspondente que tenho em

Kuwait, com o pedido de se conseguir a tradução das inscrições da peça turca.

Não foi contudo necessário e a solução veio repentinamente ter comigo na pessoa de um colega de nacionalidade egípcia, actualmente em serviço na Delegação da TAP em Francoforte e que esteve de visita a Lisboa, Mahmoud Barghout, antigo oficial da aviação do seu país e que cursou literatura e história árabe na Universidade do Cairo.

Entreguei-lhe o Boletim e apenas um quarto de hora depois este senhor apresentou-me um papel com a inscrição da figura n.º 2 copiada — conforme junto — e em seguida a sua tradução em inglês da seguinte maneira:

اللهم الله المبدع ، توحيه المبدع من تبار
وتتبع المبدع من تبار ، فتفر من تبار وتترك
من تبار ، بيدك الخير ، انك على كل شيء قدير .

O LORD POSSESSOR OF POWER
GRANTING POWER TO THOSE YOU LIKE
TAKING IT AWAY FROM THOSE THE
WAY YOU LIKE, UPGRADING THE WAY YOU
LIKE, ALL GOODNESS IS WITHIN YOUR
HANDS, ALMIGHTY CAPABLE OF EVERYTHING

Trata-se, como se vê, de uma linguagem difícil e de significado claramente religioso, o que o meu colega identificou como sendo um conhecido versículo do Corão, escrito em caligrafia «Koufa», maneira de escrever usada aproximadamente entre os anos de 1200 e 1700 e que eu traduzi muito livremente para português da seguinte maneira:

Ó PODEROSO SENHOR, QUE DAS O PODER
AQUELES QUE TE APRAZ E O TIRAS A QUEM
DESEJAS, QUE RECOMPENSAS COMO QUERES E
CASTIGAS COMO DESEJAS. TODA A BONDADE ESTA
NAS TUAS MÃOS, TODO PODEROSAS E CAPAZES DE TUDO

Quanto às outras duas inscrições é que foi pior, pois embora percebendo serem escritas na mesma caligrafia e compreendendo

aqui e ali alguma letra, não foi possível obter a sua tradução devido ao mau estado das mesmas, mas o Sr. Mahmoud Barghout prometeu conseguir a sua decifração junto da Universidade do Cairo, caso o Sr. General Pereira do Valle lhe consiga obter boas e nítidas fotografias.

Infelizmente a tradução do gravado junto à boca do balístico turco não vem esclarecer as dúvidas do Sr. General, pois não se refere nem à data da sua construção ou mesmo à sua origem e assim o mistério subsiste, mas esperemos que a desejada solução esteja nas outras duas inscrições e que a sua tradução possa ser efectuada.

Lisboa, 19 de Março de 1964

CARLOS PEREIRA CALLIXTO

Sócio n.º 3 443

Nota da Redacção — Deste artigo foi dado prévio conhecimento ao Sr. General Pereira do Valle, tendo S. Ex.^a informado a redacção de OLISIPO de que está diligenciando tornar mais legíveis as inscrições que se encontram na peça turca em referência, no objectivo de facilitar a sua interpretação.



O C A R N A V A L
de outros anos
na Imprensa diária de Lisboa

COMENTÁRIO DO EXPOSITOR

FERNANDES DA SILVA

ESTA exposição não pretende fazer história. Para isso é assaz deficiente e por demais truncada. É simplesmente uma exposição evocativa.

Aproveitando esta quadra carnavalesca, despida por agora do ouropel com que as gerações passadas se entregavam a divertimentos de toda a natureza, numa licença que a tradição lhes permitia, quise-mos apenas focar um dos aspectos das brincadeiras mais apreciadas noutros anos atrás, reunindo estas 90 páginas dedicadas ao Carnaval por vários jornais que marcaram ou marcam ainda lugares de relevo na Imprensa de Lisboa. Com tal iniciativa teve-se por fim distrair, evocar e elucidar. Distrair, porque nenhum dos visitantes desta exposição segurará um sorriso perante tão eloquentes demonstrações artísticas, cheias de bom humor, quer no traço expressivo dos caricaturistas que as ilustraram, quer na prosa e versos dos cronistas e gazetilheiros que as revestiram; evocar, porque não faltará quem, em frente dela, recorde com saudade o gáudio que estas páginas provocaram com oportuna fragrância nesses bons tempos de espirituosos divertimentos, cuja expansão a tantos empolgou; e elucidar, porque as novas gerações conhecerão assim uma curiosa face das extravagantes folganças entrudescas que ainda animavam Lisboa nas duas

primeiras décadas deste século, e das quais só poderão fazer uma ideia muito imprecisa pela saudosa evocação de seus veneráveis avós.

Através da minha já larga travessia sempre encontrei quem afirmasse a decadência do Carnaval e até quem lhe rezasse o responso. Mas, em jornais de épocas mais recuadas, tem-se-me deparado a mesma afirmação, o que nos mostra que a agonia do Carnaval se vem acentuando há mais de cem anos. Que desvairada efervescência o caracterizaria então em épocas mais remotas, se à roda de 1900, como eu próprio observei, o Entrudo ainda se festejava com a mais destemperada reinação?

O Carnaval na minha infância não era só libèrrimamente folgazão porque tinha por vezes excessos que atingiam a insolência e até mesmo a desumanidade. Nesses tempos eram os pobres mortais esguichados pelo rapazio com seringas de folha e escorrências das sarjetas, e das janelas despejavam-se desalmadamente cântaros de água sobre os incautos que lhes passavam por baixo. Os ataques eram encarniçados. Tinham por munições o tremoço e o feijão, pacotes de farinha e de goma, cocotes com serradura e areia, e tornavam-se pelo seu ardor verdadeiramente alucinantes.

Mas a contrastar com esse endemoninhado torvelinho nas ruas, por onde formigavam mascarados dos mais excêntricos matizes, quantos divertimentos de sabor artístico, cheios de gosto e de graça, nos não maravilhavam nos teatros e nos salões! Nos bailes mais elegantes caprichosos costumes despertavam admiração, e o espírito deleitava-se-nos com verdadeiro encanto quando a gracilidade feminina era superlativada pela sumptuosidade de uma Maria Antonieta ou de uma Cleópatra, de uma Maria Stuart, de uma Pompadour, ou de uma Catarina da Rússia.

Mas mesmo nas ruas, com primazia do Chiado, onde as janelas das *Novidades*, com grande júbilo de Emídio Navarro, eram guardadas por verdadeiros ases dos jogos carnavalescos, a iniciativa popular colaborava artisticamente na sua desenvolta animação, rompendo-a com pinturescos cortejos de parodiantes cegadas e marchas aparatosas, realçadas umas e outras por letra e música de sugestiva inspiração.

Num dos últimos anos da monarquia, um governador civil de Lisboa teve a ideia de civilizar o Carnaval, reprimindo certos costumes que a tradição tinha arraigado no povo alfacinha. Não triunfou a tentativa, a que o Lisboeta reagiu considerando o edital letra morta.

Foi porém a Grande Guerra, com a nossa intervenção, que desferiu no Carnaval um rude golpe pela abstenção de folias que não se coadunavam ao nosso sentimento patriótico de combatentes. Mas o Entrudo sem a animação das ruas provocara uma nostalgia de difícil conformação e passada a refrega a própria autoridade procurou reatar a tradição que dava à cidade ruidosa e fervescência. Assim voltou Lisboa alguns anos mais a festejar publicamente o Carnaval, moderado na sua turbulência por aquele interregno, mas sem restrições que o desfigurassem.

Depois, tudo mudou. E de então para cá, à força de editais proibitivos, esta quadra vem passando despercebida a muita gente. Mas o Carnaval não morreu nem morrerá, porque traz consigo a alegria e o riso, sempre saudáveis à alma. Retrai-se quando o ambiente por circunstâncias poderosas lhe não é favorável, mas não abdica do seu reinado, que recatadamente vem exercendo nos palcos, nos clubes e nos salões. Para evasão da sua truculência criou uma espécie de assaltos, os quais causam num pacatíssimo lar danos maiores do que aqueles que as guerrilhas africanas infligem nas hostes inimigas...

Deixámos de ver o Ché-Ché; a máscara desapareceu; a cidade não contempla o desfile das marchas e das cegadas; mas a alegria inata do homem não renuncia voluntariamente a expandir-se nesta quadra folgazã.

Nunca apoiei os cronistas que com azedume condenavam o Carnaval e detestavam o seu reinado de folia. Condenar os excessos, as brutalidades que muitas vezes o assinalavam, compreendo e aplaudo. Mas, expurgado o Carnaval de tais abusos, porque não aproveitarmos três dias no ano de liberdade para rir e folgar, como uma válvula de escape para os saturantes cuidados dos outros trezentos e sessenta e dois? Desde que se ria e se brinque como riam e brincavam estes jornalistas, expandindo graça rutilante de espírito, os três dias entrudescos são de desejar e louvar. Desopilam, reconfortam, tonificam. Com eloquência o demonstram as admiráveis páginas aqui patentes.

Nelas refulgem os lápis observadores de Jorge Colaço, que no «Suplemento Humorístico d'O Século» nos deixou páginas de grande valor; de João Valério, que cedo evidenciou a sua veia cómica

nas publicações académicas do seu tempo de Coimbra; de Celso Hermínio, o nosso mais subtil observador do caricato; de Alberto de Sousa, que à caricatura deu grande relevo antes de ter alcançado na aguarela lugar da mais alta categoria; de Leal da Câmara, o prestigioso artista que Paris consagrou a par dos seus maiores caricaturistas; de Santana, que ainda hoje se nos impõe na perspicaz observação da caricatura pessoal; de Francisco Valença, o mestre continuador de outro mestre, que comentou com superior argúcia durante meio século a vida episódica da nossa Lisboa; de Stuart Carvalhais, que nos deixou a mais notável galeria dos humildes tipos alfacinhas; de Eduardo Faria, o irreverente e gracioso comentador da vida política de há quarenta anos; e ainda de Bernardo Marques, Pons, Almada, José Mota, Rocha Vieira, Amarelhe, Cristiano Cruz, Arnaldo Ressano (com seu pseudónimo de Ferrão Braz) e do *vagabundo* Armando Boaventura, tão dissipador de talento como de fortunas; de toda essa plêiade de artistas que ergueram a caricatura portuguesa ao nível internacional e se não coíbiam de prestar vassalagem ao rei Momo.

Os jornais políticos, então, regalavam-se a zombar das primaciais figuras das facções adversas. Mas quem podia resistir à sugestão de tão irreverentes como inofensivas facécias? E quantas vezes porventura o instintivo protesto dos visados se não teria dissolvido na observação mais atenta destas soberbas páginas com o remate duma franca gargalhada?...

Dos anos mais recentes nada aqui se vê, embora o coleccionador mantenha a perseverança de guardar o que na imprensa encontra com inequívoco aspecto carnavalesco. Os tempos são outros e o clima também é diferente. Qualquer tentativa semelhante a estas estiolar-se-ia antes de ver a luz do Sol. E as horas difíceis de angústia e sacrifício que a Nação atravessa não são propícias a folguedos de repercussão pública.

Mas não repudiemos o Carnaval. Ele proporcionou primorosas criações artísticas e fazia sentir a todos a alegria de viver com divertimentos que animavam as ruas, os teatros, os clubes e os salões, desde os paços reais às modestas salas recreativas nos bairros mais humildes, inebriando assim de euforia, em três dias no ano, a vida dos Lisboaetas.

1-2-1964

A Fábrica de Louça de Alcântara

pelo Doutor GILBERTO MONTEIRO

FUNDADA em 1885 por um inglês, Mister Stringer, foi desde logo conhecida por «Fábrica de louça inglesa». A sede fabril era na Rua Gilberto Rola, antes denominada Rua Velha, no coração do burgo alcantareense, paredes meias com a Trabuqueta e a Rua do Livramento, tudo a dois passos do Palácio Real das Necessidades e do aquartelamento da Armada. Na velha rua ocupava a fábrica uma casa a que correspondiam os números de polícia de 2 a 14.

A matéria-prima era uma argila branca vinda dos lados de Leiria acrescentada duns materiais importados de Inglaterra, possivelmente feldspato ou pó de pedra e a apresentação dos produtos dependia do bom gosto dos dirigentes; sabe-se que, no que diz respeito a pinturas decorativas, a princípio eram feitas manualmente e só depois passaram a ser estampadas.

Com um inglês a dirigir a fabricação, os assuntos decorativos não poderiam dispensar o cavalo como motivo principal. O mesmo aconteceu na fábrica de Sacavém, já então existente e também dirigida, ou melhor dizendo, criada por um inglês. O cavalo, a paisagem, as flores, as folhas, uma casinha de campo e um ribeiro, eram e são os motivos principais das afamadas loiças inglesas Davenport, Stratford Pottery e tantas outras onde, a par do seu inigualável vidrado, a nossa vista se encanta com a ingenuidade fresca de tais quadros em cores sempre bem escolhidas. Esta fábrica de Alcântara, essencialmente utilitária, sem requintes de fabrico nem pretensões de entrada em museu, foi comercialmente honesta e perfeita;

os seus artigos comercial e industrialmente considerados não roubavam o freguês que poderia sempre ter o serviço de jantar ou almoço que lá adquirisse como forte e belo. Quantos lisboetas do século passado e dos primórdios deste não comeram a sopinha dos



Duas peças da Fábrica de Alcântara

seus pratos, ou o cosido das suas travessas e a canja contida nas suas terrinas sopeiras! ?...

O industrial fundador passou a firma a um seu descendente português, um tal Sr. Silva e mais tarde este a outro. Daí as firmas originarem marcas nas loiças:

Fabrica de louça ingleza
S. & S.

em que S. e S. significavam Stringer e Silva.

Foi mais tarde substituída por esta outra

Fabrica de Alcantara

Faianças Finas

L. & C.^a

LISBOA

Aqui o *L.* substitui um *S.* da marca anterior e significa Lopes, o último proprietário.

Alguém nos diz que os direitos da indústria foram trespassados a um senhor do Porto, de nome Barbosa.

A fábrica de Alcântara terá tido uma vida de cerca de meio século, durante o qual teve glórias industriais e proveitos comerciais; foi recompensada pelo renome, pela boa freguesia e pelo prémio, medalha de prata, na Exposição Nacional das Indústrias Fabris, realizada em Lisboa em 1889. A sua produção tentou ir mais longe e sem deixar de fazer a loiça utilitária, o seu último proprietário tentou a cerâmica artística; produziu então azulejos de que não vimos um só exemplar. Citamos o facto por dele termos conhecimento pelo catálogo da Exposição Comemorativa do 150.^o aniversário da Freguesia de Alcântara, em 1950, que na sua página 49 dá a indicação de 2 azulejos policromados e em relevo da Fábrica de Louça de Alcântara. Terá sido isto uma tentativa de arte? Não terá esta tentativa precipitado a fábrica na sua liquidação?

Das peças fotografadas e outras que eu vi, o desenho tem flores, folhas e um leque. Creio que não tem qualquer outro significado que o seu poder decorativo. A cor dos desenhos é verde desmaiado sobre o branco. As peças são de forma vulgar, mas elegantes. Era a loiça verdadeiramente popular, para burgueses remediados, contentes então de possuírem um servicinho português para nele comerem a comidinha portuguesa, sem aspirarem a porcelanas delicadas e exóticas para mostrarem às visitas.

Esta fábrica com o seu nome feito e bem feito teve na Baixa, na Rua da Prata nos n.^{os} 240 a 255, o seu depósito comercial e casa

de vendas, talvez desproporcionada com a instalação fabril que era demasiado acanhada. Na Rua Gilberto Rola ainda hoje estão de pé todas as velhas construções, habitadas ou estabelecimentos comerciais; uma só desapareceu, a que serviu a Fábrica da Louça. Esta foi substituída por uma casa de habitação com 1.º andar, estilo moderno sem linhas ofensivas do gosto mau ou bom dos velhos de ontem, mas há que se diga, agradável ainda que destoante na rueca e sem possibilidade de equilíbrio estético com a velharia que a emoldura.

A fábrica acabou, a instalação foi demolida e da sua actividade só restam peças raras e dispersadas, perdidas na amnésia dos homens e nas *feiras da ladra*. Possivelmente a superfície do seu vidro apresentará «cabelos», as bordas dos pratos, chanfros, algumas peças mais vistosas, como as terrinas, serão gateadas, outras terão perdido as tampas, mas todas têm o fundo, e neste está a garantia da sua marca impressa, Fábrica de Louça de Alcântara.

Ao esforço, à iniciativa, ao saber e ao bom gosto dos homens, na indústria como em tudo, o esquecimento.

Sic transit gloria mundi.

N O T A

Como adenda ao curioso artigo do velho colega, condiscípulo e amigo Doutor Gilberto Monteiro, sobre Louça de Alcântara, permito-me, com sua prévia autorização, acrescentar da minha lavra, algumas palavras.

Assim: na exposição de Alcântara, da iniciativa e organização do nosso consócio sr. Mário Costa, expus pratos e um fruteiro da fábrica de Alcântara, este último com história. Trata-se de uma peça de louça branca com desenho a azul, que tem nada mais nada menos do que como ornamentação um dragão com um escudo de armas reais, com a respectiva coroa, no fundo do prato, e outro mais pequeno no pé e era parte de um serviço de SS.MM.

Foi tudo vendido num leilão que houve em Vila Viçosa e veio parar a um ferro-velho da Rua dos Anjos, quase defronte

de minha casa. Lá vi vários pratos e mais fruteiros; comprei um parece-me que por noventa escudos e quando voltei por mais já lá não os havia.

Mais tarde, numa das visitas dos «Amigos de Lisboa» a Mafra, vi no Palácio, instalado numa das alas do Convento, em lugar de grande estima e sobre uma mesa, vários pratos do mesmo serviço, e contei a história dos seus companheiros ao conservador do Museu.

O meu fruteiro tem a marca que o colega refere, também a azul, com o *L* do sócio Lopes, mal impresso e o *C* que também o colega refere.

Das peças de cor castanha tenho várias, algumas muito usadas (terrina, prato coberto, etc.) e quase novos dois pratos sopeiros dos quais um sem marca e três pratos de sobremesa com desenhos a castanho e um deles a castanho e verde-escuro.

Resta acrescentar que da Exposição de Alcântara, referida, há um catálogo e que os «Amigos de Lisboa» tiveram larga representação entre os expositores e que tiveram convite especial para essa e outras solenidades comemorativas da fundação da respectiva freguesia.

EDUARDO NEVES

VINHOS ENGARRAFADOS

QUINTA DA CARDIGA

EM GARRAFÕES

Tipo 5 litros

» 2 ¹/₂ »

GARRAFAS DE LITRO

» » 0,5 »

» » 0,3 »

Armazém em Lisboa:

Av. Entre Aéroportos, Lote 622 — Telef. 38 85 61

RELATÓRIO DA JUNTA DIRECTIVA

relativo ao ano de 1963 e

ao triénio de 1961/63

Ex.^{mos} Consócios:

Como preceituam os nossos Estatutos, algo antiquados e necessitando urgente reforma, vem a Junta Directiva apresentar a V. Ex.^{as} o Relatório a que alude o artigo 33.º:

Existiam em 1 de Janeiro de 1963	1 179 sócios
Foram admitidos durante o ano... ..	40
Foram readmitidos durante o ano	6 46 »
	—————
	1 225 »
Foram demitidos por vários motivos... ..	80
Faleceram... ..	29 109 »
	—————
Pelo que ficam existindo nesta data... ..	1 116 sócios,
dos quais 6 estão suspensos a seu pedido.	

Os sócios falecidos foram:

- 33 — Francisco Valença
- 57 — Coronel José Maria Sardinha Pereira Coelho
- 136 — Álvaro Nunes da Silva Pinto
- 666 — Tenente-Coronel Óscar de Freitas
- 675 — Dr. Eugénio Garcia
- 679 — Dr. José Soares
- 785 — Comandante Camilo Laroche Semedo
- 877 — Adalberto Madureira
- 1 010 — Frederico Carlos de Sena Cardoso
- 1 086 — Alberto Totta
- 1 148 — D. Maria Amélia Soares
- 1 226 — Rui de Sá Carneiro
- 1 250 — José Francisco de Oliveira
- 1 254 — Carlos Spratley
- 1 749 — Dr. Raul d'Oliveira Feijão
- 1 870 — Gustavo Mateus Leal
- 2 165 — Manuel Tavares Pereira de Lima
- 2 272 — Eduardo Leite
- 2 346 — Manuel de Ornelas Bruges
- 2 349 — José Fernandes Garcia
- 2 404 — Francisco Figueiredo de Macedo
- 2 543 — D. Maria da Paz Lopes Batalha
- 2 632 — Capitão Manuel Maria Coelho Júnior
- 2 678 — D. Maria Faustina F. Alves Margiochi
- 2 807 — Adolfo Rodrigues de Oliveira Santos
- 2 947 — D. Filomena da Conceição Sequeira
- 2 979 — Romualdo Figueiredo
- 3 125 — José Manuel Soutelinho
- 3 145 — Francisco Timóteo Rebelo

À família de todos já foi manifestado o sentimento do Grupo e, ao propormos a V. Ex.^{as} um voto de sentimento pelo seu desaparecimento, queremos referir em especial o passamento de dois sócios fundadores, Francisco Valença e Coronel José Maria Sardinha Pereira Coelho, ambos antigos membros dos nossos Corpos Gerentes e a quem oportunamente o Grupo prestou as devidas homenagens. Há que

referir também os nomes do Tenente-Coronel Óscar de Freitas, de José Francisco de Oliveira, D. Maria da Paz Lopes Batalha e D. Maria Faustina S. Alves Margiochi. Destas duas Senhoras, a primeira, apesar da sua idade propecta, foi sempre assídua companheira das nossas actividades culturais, e a segunda acompanhou-nos, ainda em vida do seu marido, nalgumas das nossas realizações; mas de todos merece especial referência José Francisco de Oliveira, a que já prestou homenagem o OLISIPO n.º 105 e que foi membro da Comissão de Contas e activo colaborador na Secção de Movimento Cultural e Propaganda.

A actividade cultural do Grupo durante o ano foi:

Visitas de estudo	13
Colóquios olisiponenses	3
Exposições	4
Projectão de diapositivos a cores	1
Conferências na sede	5
Sessão de homenagem... ..	1

Como no ano anterior as realizações culturais, a despeito das despesas que sempre lhes são inerentes, deram um saldo positivo de Esc. 1.028\$40. O número de ofícios expedidos durante o ano foi cerca de 300, não contando os pequenos cartões de agradecimento e cumprimentos. No capítulo ofertas há a referir as mencionadas nos números de OLISIPO 101, 102 e 104 e incluídas no nosso Inventário, de que é justo destacar a de duas medalhas oferecidas, uma pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo, comemorativa do seu 30.º aniversário, e outra pela Associação Lisbonense de Proprietários, comemorativa do seu 70.º aniversário, com dedicatória gravada de homenagem ao Grupo, e à nossa sede trazida por uma delegação da sua Direcção.

O nosso Boletim tem continuado regularmente a sua publicação e está no prelo o número 105. Da nossa actividade cultural anotaremos: as visitas ao Laboratório de Engenharia Civil e ao seu Pavilhão Gulbenkian, aos Palácios da Pimenta e de Queluz, ao Silo Portuário de Lisboa, à Estação de Selecção de Sementes de Vila Franca

de Xira, ao edifício da Patriarcal da mesma vila, à Biblioteca-Museu de Vila Franca de Xira (nossa associada), aos miradouros e jardins da mesma terra, entre os quais os da notável Quinta do Cabo, que mereceram o apoio das respectivas administrações e tiveram como obsequiosos dirigentes os respectivos directores ou seus representantes como por exemplo, no Laboratório citado, o Encarregado das Relações Exteriores, no Palácio da Pimenta o nosso consócio Dr. Silva Pinto, chefe da Repartição de Bibliotecas e Museus da Câmara Municipal de Lisboa, e no de Queluz o seu conservador o Pintor Sr. Boaventura Porfírio e em Vila Franca o Vice-Presidente da respectiva Câmara Municipal e os engenheiros superintendentes da Estação de Selecção de Sementes e o representante da Companhia das Lezírias.

Merecem também referência especial a visita «Alfama à Noite», que reuniu cerca de 200 pessoas, e as Exposições Antoniana, de Leques Antigos e de Postais, às quais oportunamente o OLISIPO e toda a Imprensa e até a Televisão se referiram detalhadamente.

Tiveram larga concorrência e repercussão na Imprensa, as conferências «Uma Casa de Alfama», a «Capela dos Sinel de Cordes» e «Frei Bartolomeu dos Mártires natural de Lisboa», feitas na sede, respectivamente, pelo Dr. Paulo Caratão Soromenho, D. Maria de Cabedo Cardoso e pelo nosso Secretário-Geral.

A tudo oportunamente se referiu OLISIPO com largas referências e algumas fotografias.

Continuaram na sede a ser prestados informes sobre várias consultas de assuntos olisiponenses.

Junto se apresentam os mapas referentes às nossas contas, cujos livros estão de há muito na Secretaria à disposição de V. Ex.^{as}, e por onde se verifica que o exercício fecha com o saldo positivo de Esc. 11.766\$02, a despeito de se terem uniformizado os vencimentos do pessoal com as exigências dos descontos legais.

Como nos anos anteriores, deve-se ao digno Secretário da Comissão de Contas a orientação e direcção dos serviços de contabilidade, cuja escrita continuou a ser feita pela nossa empregada de Secretaria.

O balanço e a conta de Resultados do Exercício seguem junto.

BALANÇO

CONTAS	ACTIVO	PASSIVO
Biblioteca	9.631\$32	
Fundo Variável		21.496\$69
Consignatários da Feira do Livro... ..		128\$00
Consignações c/ Própria		2.378\$00
Emblemas... ..	144\$00	
Edições	4.493\$94	
Consignações de c/ Alheia... ..	62.845\$17	
Devedores e Credores c/ Consignação	2.397\$85	61.300\$50
Devedores e Credores	492\$85	19.204\$92
Caixa	172\$00	
«Olisipo»	13.471\$50	
Móveis e Utensílios... ..	22.625\$50	
Resultados do Exercício		11.766\$02
	116.274\$13	116.274\$13

Conta de Resultados do Exercício de 1963

CONTAS	DÉBITO	CRÉDITO
Receitas Diversas		89\$80
Jóias		970\$00
Realizações Culturais		1.028\$40
Emblemas... ..		92\$00
Gastos Gerais	123.392\$80	
Edições		945\$72
Consignações de c/ Alheia		5.626\$40
Cotas		139.041\$50
Contribuições... ..	508\$00	
Cartões de Identidade		125\$00
«Olisipo»	12.252\$00	
Resultado do Exercício... ..	11.766\$02	
	147.918\$82	147.918\$82

Pela digna Comissão de Contas foi-nos sempre prestada solícita assistência.

O pessoal cumpriu, como habitualmente, os deveres dos seus cargos.

Porque estamos no fim do triénio, há que dar cumprimento ao disposto nos artigos 15.º, 24.º parágrafo único, e 41.º parágrafo único.

Temos a honra de propor os seguintes votos:

- a) de sentimento pelos sócios falecidos;
- b) de agradecimento aos nossos colaboradores, directores das visitas de estudo e à digna Comissão de Contas;
- c) de agradecimento à Imprensa e emissores de Radiodifusão e Televisão pela sua obsequiosa e prestimosa colaboração.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1963.

A JUNTA DIRECTIVA

O PRESIDENTE

Prof. Doutor Fernando Freitas Simões

O VICE-PRESIDENTE

Dr. Álvaro do Amaral Barata

O SECRETÁRIO-GERAL E RELATOR

Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves

O SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO

Fernando Dias Pereira

O DIRECTOR-TESOUREIRO

Hugo Raposo

OS VOGAIS

Dr. Alberto Gomes

Coronel Aníbal Afra Nozes

Eng. Júlio Eduardo dos Santos

PARECER
da
COMISSÃO DE CONTAS
relativo ao exercício de 1963

Ex.^{mos} Consócios:

Nos termos estatutários, vimos submeter à apreciação de V. Ex.^{as} o parecer desta Comissão, relativamente às contas do exercício que agora findou, às quais se refere o relatório elaborado pela nossa Junta Directiva, e em que se dá uma nota expressiva da forma como decorreu a vida cultural e associativa do nosso Grupo.

Ao contrário do que sucedera em 1962, pode considerar-se motivo de júbilo o resultado positivo de 11.766\$02 com que fecha o último exercício, o que não quer dizer que seja desafogada a vida do nosso Grupo. E é de lamentar o que se verifica quanto ao número dos senhores associados existentes, que, uma vez mais, se apresenta diminuído.

Como habitualmente, pôs a Junta Directiva, em evidência, os dignos consócios falecidos; e, a nós, bem nos cumpre salientar o nome de José Francisco de Oliveira, nosso colega nesta Comissão, cuja perda sentimos, e com o qual sempre mantivemos estreita colaboração e amizade. Foi mais um velho soldado que baqueou.

Terminando, temos a honra de propor à aprovação:

- a) o Relatório de Contas do ano findo;
- b) um voto de louvor à Junta Directiva, pelos instantes cuidados, muito zelo e dedicação, postos no desempenho dos seus cargos, que o mesmo foi pugnar pelo prestígio do Grupo «Amigos de Lisboa»;
- c) a transferência, para o «Fundo variável», da quantia de Esc. 11.766\$02, apurada este ano em «Resultado do Exercício».

Lisboa, 2 de Janeiro de 1964.

A COMISSÃO DE CONTAS

O PRESIDENTE

Mário da Conceição Costa

O SECRETÁRIO

Higino Nunes da Silva

E R R A T A

No artigo sobre «A Igreja Paroquial de S. Pedro de Alcântara», da autoria do nosso ilustre Consócio Sr. Brigadeiro Dr. Meyrelles do Souto, inserto no último número deste Boletim, devido à troca de duas linhas na página 16, saiu incompreensível o penúltimo período, que deve ler-se: o segundo documento é o auto de posse, com data de 10 de Maio de 1780, no «Citio (*sic*) de Alcântara do Terreiro Contiguo à Real Quinta de Sua Magestade».

Pelo mesmo motivo deve ser eliminada a 9.^a linha da mesma página.

LISTA

DOS ACTUAIS CORPOS GERENTES

PARA O TRIÉNIO DE 1964/1966

*Eleitos na Assembleia-Geral
de 30 de Janeiro de 1964*

Assembleia-Geral

Presidente

Prof. Doutor Raul de Carvalho

Vice-Presidente

Prof. Armando de Lucena

1.º Secretário

Joaquim Pascoal Rodrigues

2.º Secretário

Dr. José Garrido Mendes da Cruz

Junta Directiva — Efectivos

Presidente

Prof. Doutor Fernando Freitas Simões

Vice-Presidente

Dr. Álvaro do Amaral Barata

Secretário-Geral

Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves

Secretário-Geral Adjunto

Dr. Alberto Gomes

Tesoureiro

Hugo Raposo

Vogais

Coronel Aníbal Afra Nozes
Fernando Dias Pereira
Eng. Júlio Eduardo dos Santos
Dr. Paulo Gustavo Caratão Soromenho

Junta Directiva — Substitutos

Presidente

Prof. Doutor João Cândido de Oliveira

Vice-Presidente

D. Julieta Ferrão

Secretário-Geral

Dr. José Cassiano Neves

Secretário-Geral Adjunto

Prof. Francisco de Assis de Oliveira Martins

Tesoureiro

João de Sousa Lara

Vogais

Acúrsio Pereira
Joaquim Paço d'Arcos
José Pires Cardoso de Oliveira
Dr. Manuel Hermenegildo Lourinho

Comissão de Contas — Efectivos

Presidente

Mário da Conceição Costa

Secretário

Higino Nunes da Silva

Relator

Dr. Francisco Gonçalves do Couto Santos

Comissão de Contas — Substitutos

Presidente

Henrique Nunes Viseu

Secretário

Eng. Diogo Sobral

Relator

Luís Moita

**Secção de Estudos Históricos e Defesa
do Património Olisiponense**

Dr.^a D. Ana-Maria Pereira da Gama
Dr. Durval Pires de Lima
Dr. João Couto
Eng. João dos Santos Simões
D. Julieta Ferrão
Visconde de Santarém

Secção de Estudos Económicos e Sociais

Dr. Jaime Lopes Dias
Eng. José de Araújo Correia
Dr. José Henrique de Azeredo Perdigão
Prof. Doutor José Pires Cardoso
Dr. Luciano José de Oliveira Ribeiro
Mário da Conceição Costa

Secção de Estudos de Estética e Urbanização

Prof. Armando de Lucena
Eng. Diogo Sobral
Jaime Martins Barata
Dr. José Leitão de Barros
Capitão Júlio da Costa Pinto
Arq. António Maria Veloso Reis Camelo

Secção de Movimento Cultural e Propaganda

Hugo Raposo
Brigadeiro José Alfredo do Amaral Esteves Pereira
Padre José Correia da Cunha
D. Julieta Ferrão
Mário da Conceição Costa
Fernando Dias Pereira

ACTIVIDADE CULTURAL

do primeiro trimestre de 1964

O mês de Janeiro foi ocupado por um acontecimento de relevo na vida do Grupo, como foi a Assembleia-Geral para eleição dos nossos corpos gerentes de 1964-1966 e discussão do relatório, contas e parecer da respectiva Comissão, relativos ao triénio que findou em 1963. Foram eleitos os corpos gerentes que constam da lista que neste número se publica, onde também se transcrevem o relatório e parecer referidos. Esta Assembleia realizou-se em segunda convocação em 30 de Janeiro último.

A 23 de Janeiro p. p. realizou-se a 45.ª sessão de Colóquios Olisiponenses, ocupada pela leitura do trabalho «O Bairro Alto de ontem e de hoje» da autoria do falecido sócio fundador Sr. Teodoro Lopes Ramos. Essa leitura foi feita pelo Secretário-Geral, que a antecedeu de palavras de elogio e homenagem a esse prestimoso consócio.

Em 26, sob a direcção do espeleólogo Sr. Fernando Eduardo Rodrigues Ferreira, foram visitados os subterrâneos da Igreja de S. Vicente de Fora, onde foram observados alguns objectos do espólio e descrito o trabalho feito, pelo director da visita que se encontrava acompanhado do espeleólogo Sr. Augusto de Vasconcelos. A visita foi acompanhada pelo Reverendo Prior, o nosso consócio Padre Cor-

reia da Cunha e pelos directores do Grupo Srs. Eng. Júlio Eduardo dos Santos e Fernando Dias Pereira.

Em Fevereiro, e durante a quadra carnavalesca, esteve exposta, no Grupo, uma colecção de jornais sob a designação de: «O Carnaval de outros anos na Imprensa diária de Lisboa», da colecção do nosso sócio Sr. António Fernandes da Silva. A exposição, que comportava cerca de um centena de jornais de 1897 até 1950, foi largamente apreciada e teve profunda repercussão na Imprensa. À inauguração assistiu o Dr. Donatello Grieco, Ministro do Brasil em Portugal, e o expositor que explicou a génese da sua colecção e referiu alguns nomes dos caricaturistas da época; foi saudado em nome da Junta Directiva pelo Director Secretário-Geral.

Em 23 de Fevereiro, foi visitada a Escola Industrial Marquês de Pombal, visita que foi dirigida pelo director da mesma Dr. Santos Pinheiro e que reuniu numeroso grupo de visitantes, acompanhados pelos directores Srs. Eng. Júlio Eduardo dos Santos, Dr. Paulo Caratão Soromenho e Fernando Dias Pereira.

A 20 de Fevereiro e a 5 de Março os «Amigos de Lisboa» visitaram as obras dos estaleiros, vias de acesso e cais das Obras da Ponte sobre o Tejo, tendo no gabinete da Ponte sido recebidos pelo respectivo director o Sr. Eng. Canto Moniz que aos visitantes preleccionou sobre a grande obra em realização. A visita despertou grande interesse em todos os visitantes.

A 5, 12 e 19 de Março, realizaram-se na sede sessões do 46.º Colóquio Orlisiponense subordinadas ao tema «Problemas actuais da urbanização de Lisboa». Estas reuniões que foram largamente concorridas e onde ouve vivos debates sobre o assunto em questão culminaram com a aprovação de um parecer para ser presente à Junta Directiva. Cumpre salientar que dos numerosos assistentes tomaram parte na discussão, entre outros, a Dr.^a Arquitecta D. Ana-Maria da Gama, Engenheiros Júlio Eduardo dos Santos, Diogo Sobral e J. Santos Simões, Arquitecto Veloso Reis, Coronéis Xavier de Brito e Afra Nozes, Dr. Moreira Júnior e o signatário, que presidiu às duas primeiras sessões, sendo a última presidida pelo director Dr. Alberto Gomes, que também tomou parte na discussão.

A 14 foi inaugurada na sede uma exposição biblio-iconográfica sobre a Torre de Belém, da colecção do Sr. Comodoro Alfredo Motta, director da Biblioteca Central de Marinha. A exposição que teve

larga concorrência, manteve-se aberta até ao fim do mês, tendo na sessão inaugural o expositor sido saudado pelo signatário e encerrou-se com uma conferência do Sr. Carlos Mamede (Fonseca Benevides) intitulada «Observações sobre a evolução construtiva da Torre de Belém». Nessa conferência foi abordado o ponto de vista interpretativo do conferente, que oportunamente o exporá em artigo para OLISIPO.

A actividade cultural do trimestre terminou com a visita às novas instalações da «Tabaqueira» em Albarraque, onde em vários autocarros se deslocaram os «Amigos de Lisboa» que foram amavelmente recebidos pelos dirigentes da fábrica.

E assim se cumpriu o programa anunciado aos sócios em 11 de Janeiro último.

E. N.

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE



SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

CAPITAL E RESERVAS
Esc. 437.067.408\$97

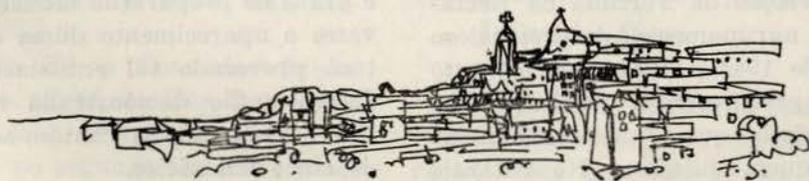
AGENTES EM TODO O PAIS

Sede: Largo do Corpo Santo, 13 - Lisboa - Tel. 3 03 21

XXVII ANIVERSÁRIO
DE
“OLISIPO”

SAUDARAM-NOS a este propósito vários jornais e consócios e entre outros o «Bazar» do jornal *A Voz*, que transcreveu as palavras do nosso Secretário-Geral com que abre o número 105, a Sociedade *A Voz do Operário*, nossa associada, e S. Ex.^a o Senhor Embaixador da Grécia.

A todos o nosso agradecimento.





Feira da Ladra



FICHEIRO

9. Sociedade de Língua Portuguesa

O ilustre jornalista Raul das Neves Reis, falecido há poucos anos em Lisboa (cidade que lhe dera berço), foi um homem de verdadeiro talento, que se repartia por uma curiosidade universal: dedicado às técnicas, antigo oficial do exército, funcionário superior dos Correios, poeta repentista, orador espontâneo, professor de Ciências e de Educação Física, romancista distinto, charadista eminente, comentador compreensivo e bem-humorado, polemista enérgico, cioso e culto amante do bem-falar e do bem-escrever.

Desta múltipla e intensa actividade sobressai a sua colaboração em *Os Sports*, *Mundo Desportivo* e *Diário de Notícias*, onde trabalhou muito e bem em favor da Língua Portuguesa. A sua iniciativa se deve a criação da Tertúlia da Recta-Pronúncia, agrupamento despretençioso que viveu, de 1944 a 1954, sem estatuto nem corpos gerentes nem quotização: às reuniões assistia quem quisesse e nelas colaborava quem quisesse. No entanto,

devido à generosidade de Raul de Oliveira, foram publicadas muitas e muitas dezenas de trabalhos sobre temas linguísticos, quer em *Os Sports* quer em *Mundo Desportivo*; e fizeram-se inúmeras palestras e conferências em sociedades de cultura, de recreio e beneficentes e foram oferecidas às suas bibliotecas centenas de volumes. Ali surgiu o plano da fundação dum instituto para o estudo da nossa Língua e sua defesa.

Entretanto o prof. Vasco Botelho do Amaral trabalhou inteligente e corajosamente com o mesmo objectivo. E os tertulianistas da Recta-Pronúncia juntaram-se ao ilustre filólogo, dando-lhe o merecido apoio (vid. *Boletim* da Sociedade de Língua Portuguesa, de Abril e Maio de 1950, pp. 46-48: transcrição dum artigo de Neves Reis que fora publicado em *Mundo Desportivo*; e também *Novidades. Página Desportiva*, «Acontecimentos da Semanã», de 6 de Julho de 1953 e 15 de Março de 1954).

No dia 19 de Maio de 1949 realizou-se a primeira reunião, no Liceu de Pedro Nunes, sob a presidência de Aquilino Ribeiro, para a fundação da Sociedade de Língua Portuguesa. Aderiram em pouco tempo pessoas de todas as camadas sociais e graus de preparação intelectual. Poucas vezes o aparecimento duma colectividade terá provocado tal entusiasmo. A confiança então demonstrada tem-se mantido. Nesta altura contam-se para cima de cinco mil sócios.

Foram presidentes da Direcção o Prof. Doutor Hernâni Cidade e o Dr. Raul Machado; após a morte deste último, reocupou a presidência o Doutor Hernâni Cidade; interinamente ou por substituição presidiram também os Drs. Manuel Anselmo, Peixoto da Fonseca e Caratão Soromenho.

Além de outras obras de interesse, a Sociedade editou *A Terminologia Náutica Portuguesa*, da Dr.^a Maria Alexandra Carbonell Pico, *Em Louvor da Língua Portuguesa*, do Dr. José Pedro Machado, *Gramática da Língua Portuguesa*, de João de Barros (3.^a edição), *Dez Anos em Prol da Língua Portuguesa*, o *Índice do Boletim* (até 1958), etc. O boletim mensal tem saído com perfeita regularidade, e atingiu o termo do XIV volume em Dezembro passado.

Com o auxílio da Fundação Gulbenkian está em publicação a dádiva mais importante da Sociedade aos seus componentes: *O Dicionário da Língua Portuguesa*, organizado pelo Dr. José Pedro Machado.

A Sociedade tem a sua sede na Rua de S. José, n.º 41, 2.º Esquerdo, em Lisboa.

A sua biblioteca contém mais de dois mil volumes sobre temas linguísticos.

P. C. S.

10. Casa das Beiras

Em 1 de Maio de 1915 fundou-se em Lisboa o Grémio Beirão, instalando-se na Rua da Fé.

Em 1933, um núcleo de beirões entusiastas pela sua causa deram à sua agremiação a designação de «Casa das Beiras».

Da Rua da Fé, a Casa das Beiras passou para o n.º 44 da Rua Ivens, daí passando, ao cabo de quatro anos, para a sede actual, no segundo andar do Palá-

cio Regaleira, próximo do dos Condes de Almada, no Largo de S Domingos, este vulgarizado pela designação de Palácio da Independência, pois dele partiram os conjurados na manhã gloriosa do 1.º de Dezembro de 1940.

Englobando cinco distritos — Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Guarda e Viseu — a Casa das Beiras tem desempenhado papel relevante na defesa dos interesses de uma região notável pelo seu passado histórico e repositório de considerável património artístico.

A esta importante instituição regionalista se deve a realização de vários congressos beirões, sendo de justiça assinalar que, entre realizações de grande interesse que deles derivaram, deve-se apontar a célebre Barragem das Campinas de Idanha-a-Nova.

Deve-se também a esta casa regional a realização de diversas exposições, delas se destacando a das famosas colchas de Castelo Branco e outra de tapetes da Covilhã.

Além de larga acção beneficente, a Casa das Beiras tem distribuído prémios aos professores das escolas primárias dos seus cinco concelhos, que apresentam melhor rendimento escolar, distribuindo também prémios aos cantoneiros da região que se distinguem no exercício das suas funções.

A biblioteca da Casa das Beiras conta cerca de cinco mil obras, algumas de raro valor bibliográfico e bastantes sobre a etnografia dos concelhos que representa.

11. Associação dos Jardins-Escolas João de Deus

Complemento lógico da Associação de Escolas Móveis pelo método João de Deus, cujas bases Casimiro Freire lançou nas

colunas de *O Século*, em Março de 1881, surgiu a Associação dos Jardins-Escolas João de Deus, fundada pelo filho do Poeta-Educador, o Sr. Dr. João de Deus Ramos.

O primeiro Jardim-Escola João de Deus foi construído em Coimbra e ficou a dever-se à filantrópica acção do Orfeão Académico, criado e dirigido por António Joyce.

O autor do projecto desse encantador edifício foi o architecto Raul Lino, a quem se devem igualmente os projectos dos Jardins-Escolas João de Deus, espalhados pela terra portuguesa.

A sede da Associação é em Lisboa, na Avenida Pedro Álvares Cabral, onde existe, além de um Jardim-Escola, o magnífico Museu Bibliográfico e Pedagógico João de Deus, onde se arquiva valioso património literário e artístico ligado à obra do poeta do «Campo de Flores».

A mesma Associação tem promovido diversos cursos de didáctica pré-primária e algumas tardes evocativas de poetas e escritores.

Z. S.

Clichés da Lisboa de ontem

A Praça do Comércio, ampla, majestosa, mais ampla parece sem um só veículo estacionado, bordada de árvores viçosas, quiosques aos cantos. Ao fundo, sob o arco da Rua Augusta, passa um velho eléctrico de estores riscados e plataformas abertas.

Encostado às escadas do Cais das Colunas, uma gaivota poisada na esfera de cada coluna, está o «cacilheiro», uma casca de noz, com a chaminé negra, muito alta, e um nome pintado no casco: «Pacífico».

Frente ao torreão pombalino do Tribunal do Comércio, proas para o cais, estende-se uma longa fileira de fragatas airoas, as velas enroladas nos mastros erectos como lanças duma guarda de honra.

Rua de Santa Justa, à esquina do Francfort, sob um toldo alguns cavalleiros de panamá branco e badine fumam e espreitam, maliciosos, a dama que passa, toda de claro, afogueada, olhos baixos, a caminho do elevador que, lá ao fundo, impõe o seu exótico perfil.

Rossio, árvores na infância, os repuxos em obras, como ficou tradição; uma fila de trens espera plácidamente.

Rossio outra vez, agora meia-dúzia de anos mais tarde, colorido, já adornado de árvores pujantes, os seus quiosquezitos pitorescos, o seu chão todo de mosaico, asseado, arrumado e quieto como sala de visitas.

Café Suisso Restaurant — é a tabuleta a toda a largura ocupada pelas quatro portas. Diante abancam cidadãos de respeitável bigode e respeitável «coco», um ou outro chapéu mole, democrático; à roda os criados de peitilho engomado, laço preto e avental branco comprido, a bandeja debaixo do braço, olhando também...

Praça da Figueira, espécie de colmeia onde as abelhas são as donas de casa e as criadinhas de toda Lisboa, que ali vêm pressurosas com os seus cabazes. Seguram as compridas saias e fogem das carroças que passam com estrépito de ferraduras e de rodas sobre a calçada.

Sob a égide do Rei Diplomata chegam a Lisboa ilustres visitantes.

Aqui, a ilustre vereação, casaca, chapéu alto, vistosas cintas de grandes borlas, espera rodeando a altiva bandeira da cidade diante da porta da Câmara. Há uma pequena multidão, fardas de gala, oficiais, diplomatas, guardas municipais,

trintanários. Um grupo de senhoras de chapéu de plumas conversa animadamente...

D. Carlos acompanha Alexandra de Inglaterra ao bergantim dourado por entre alas de cadetes de espada em continência.

Depois, vê-se o desembarque do Kaiser, nesse mesmo cais, de bordo de um cruzador imponente para tomar lugar num coche D. João V.

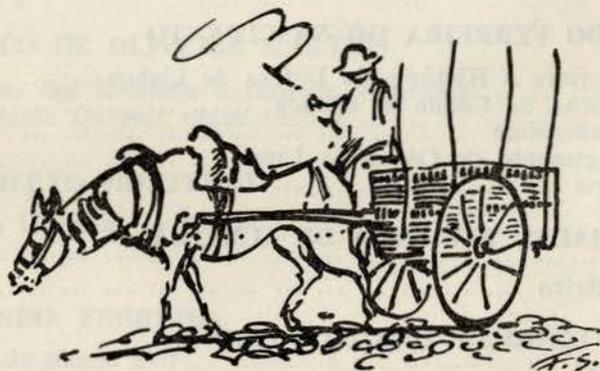
As ornamentações das ruas da Baixa em honra de Loubet, presidente da França, recebido em apoteose.

Toda uma série de coretos engalanados, pela cidade toda, para festejar com a alegria da música a visita auspiciosa do jovem Afonso XIII.

O Entrudo na Avenida, nuvens de serpentinas e de *confetti*, carros enfeitados de flores, a cavalgada Gagliardi, o carro dos ovos, etc.

Todo branco, elegante, com as suas duas chaminés, um toldo à ré, o iate «Amélia» fundeado em frente do Arsenal espera os seus reais donos para mais uma viagem de estudo e prazer...

M. Mendes



LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



VÁRIA

	PREÇOS	
	Sócios	Público
* Evocação do Café Martinho		esgotado
* Noite de evocação do Leão de Ouro	13\$50	15\$00
* Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
* Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins		esgotado
* Olisipo (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem,	18\$00	20\$00
* Evocação do Café-Restaurante Tavares		esgotado
* Jantar de Confraternização na Casa do Leão		»
* A cor de Lisboa	13\$50	15\$00

ENG. A. VIEIRA DA SILVA

* O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
* A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
* Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa		esgotado
* Fantasias sobre a origem do nome de Lisboa	13\$50	15\$00

DR. ALFREDO DA CUNHA

* Olisipo berço do periodismo português	13\$50	15\$00
--	--------	--------

ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide	13\$50	15\$00
O Quartel do Regimento do Conde de Lippe		esgotado
A Torre do Bugio	18\$00	20\$00

DR. AMADEU FERREIRA DE ALMEIDA

Dicionário Excêntrico	36\$00	40\$00
------------------------------	--------	--------

DR. ANTÓNIO DE QUADROS FERRO

O Enigma de Lisboa	7\$00	7\$50
---------------------------	-------	-------

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

* A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão	13\$50	15\$00
* O Campo de Santa Clara	13\$50	15\$00
* Ronda e Silva de Lisboa Velha	9\$00	10\$00
* Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00

DOCTOR EDUARDO NEVES

Uma recordação sebástica no Sítio da Luz		esgotado
Um arcebispo Primaz		»
João Alberto Pereira de Azevedo Neves		»
Um desenho à pena da autoria de Júlio de Castilho		»

* Edição do Grupo.

DOUTOR EDUARDO NEVES

PREÇOS
Sócios Público

* Ruínas do Carmo	esgotado	
* Igreja da Penha de França	>	
* Faculdade de Medicina	>	
Lisboa nos Ex-Libris	>	
Lisboa na Numismática e na Medalhística	>	
O Convento dos Barbadinhos Italianos	>	
Do Sítio do Intendente	>	
Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa	>	
Alocuções	>	
* Homenagem a Matos Sequeira... ..	>	
Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580	15\$00	20\$00
Um Pintor Romântico Francês em Lisboa, em 1837	esgotado	
A Propósito do 50.º Aniversário do Lançamento da Primeira Pedra do Edifício da Sociedade «A Voz do Operário»... ..		fora do mercado

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

* A Irmandade de S. Lucas	13\$50	15\$00
----------------------------------	--------	--------

FRANCISCO LEITE DE FARIA

Lisboa e S. Lourenço de Brindes	13\$50	15\$00
Alvorço na Lisboa setecentista à volta do Barbadinho Frei André de Búrgio	13\$50	15\$00
A Morte de S. Lourenço de Brindes e as homenagens que Lisboa lhe prestou	13\$50	15\$00

FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS

O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria	18\$00	20\$00
O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa	18\$00	20\$00

DR. GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém	esgotado	
D. Gilberto	13\$50	15\$00

GODOFREDO FERREIRA

Um ricaço lisboeta do século XVII	esgotado	
--	----------	--

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

* Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00
---------------------------	--------	--------

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

HUGO RAPOSO

Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo	9\$00	10\$00
Norberto de Araújo e o Inventário de Lisboa... ..	esgotado	

* Edição do Grupo.

	PREÇOS	
	Sócios	Público
J. S. VIEIRA		
O Convento dos Marianos		esgotado
JOÃO MONTEIRO		
* Estrada de Sacavém	27\$00	30\$00
JOAQUIM ROQUE DA FONSECA		
A Urbanização de Lisboa	13\$50	15\$00
JULIETA FERRÃO		
Lisboa 1870		esgotado
ENG. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS		
Exposição Bibliográfica Antoniana — Estoril, 1960	9\$00	10\$00
Exposição Bibliográfica de Afonso Lopes Vieira — Primavera de 1962	18\$00	20\$00
Catálogo [ilustrado] da Exposição Iconográfica e Bibliográfica de Santo António — Estoril, 1963... .. .	18\$00	20\$00
DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO		
* O Convento de N. S. dos Remédios — Convento dos Marianos, sua história e seus mausoléus... .. .		esgotado
LUÍS MOITA		
* A Ermida de Santo Amaro		esgotado
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses	7\$00	7\$50
Santiago Rosiñol e a «Alegria que Passa»	12\$50	12\$50
LUIZ PASTOR DE MACEDO		
* Ascendentes de Camilo	13\$50	15\$00
LUÍS TEIXEIRA		
O «Diário de Notícias» e o Século XIX	4\$00	5\$00
DR. MANUEL VICENTE MOREIRA		
Jardins de Lisboa e Porto	9\$00	10\$00
Lisboa Oriental	4\$00	5\$00
O Problema da Habitação	27\$00	30\$00
MÁRIO COSTA		
Da Rua Nova à Rua dos Capelistas	18\$00	20\$00
Dois Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica	13\$50	15\$00
A Patriarcal Queimada	18\$00	20\$00
O Palácio do Manteigueiro	18\$00	20\$00
O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espírito Santo da Pedreira	18\$00	20\$00
Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda	36\$00	40\$00
O Sítio de Santo Amaro		esgotado
Dois facas de mato notáveis		»

* Edição do Grupo.

PREÇOS
Sócios Público

Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra		esgotado
A Igreja de S. Julião e o seu Patrono — Uma freguesia que Lisboa perdeu... ..		»
No Centenário da Morte de El-Rei D. Pedro V	18\$00	20\$00
O Simbolismo do Ramo de Louro	18\$00	20\$00

MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

* A Igreja da Conceição Velha		esgotado
* A Igreja e o Convento da Graça	13\$50	15\$00
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.ª Maria de Belém	45\$00	50\$00
A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de N. S. da Oliveira, de Lisboa	18\$00	20\$00
A Calçada da Ajuda		esgotado

NORBERTO DE ARAÚJO

* Pequena Monografia a S. Vicente... ..	9\$00	10\$00
---	-------	--------

NUNO CATHARINO CARDOSO

Infante D. Henrique — Nótulas históricas	9\$00	10\$00
---	-------	--------

PROF. PEDRO JORGE PINTO

A Acrópole de Lisboa (litografia de arte)... ..	135\$00	150\$00
---	---------	---------

RUY DE ANDRADE

* Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina	9\$00	10\$00
---	-------	--------

DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... ..	45\$00	50\$00
A Quinta da Torrinha ao Vale do Pereiro	18\$00	20\$00

ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge de Arroios		esgotado
--	--	----------

TINOP

* Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols.	cada	13\$50	15\$00
---	------	--------	--------

* Edição do Grupo.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Direcção dos Serviços Centrais e Culturais

Secção de

PROPAGANDA E TURISMO

PUBLICAÇÕES TURÍSTICAS:

MONOGRAFIAS DE ARTE E TURISMO

<i>Arcos de Lisboa e Igrejas e Mosteiros de Lisboa</i>	por MATOS SEQUEIRA
<i>O Castelo de S. Jorge</i>	por COSTA GARCEZ
<i>Esculturas de Lisboa e Museus de Lisboa</i>	por FERNANDO CASTELO-BRANCO
<i>Janelas de Lisboa</i>	por FERREIRA DE ANDRADE
<i>Chafarizes de Lisboa</i>	por LUÍS CHAVES
<i>Portas e Brasões de Lisboa</i>	por LUIZ FERROS PONCE DE LEÃO
	Preço 7\$50

ÁLBUNS DE POSTAIS COLORIDOS

<i>Lisboa Moderna</i>	<i>Castelo de S. Jorge</i>
<i>Jardins de Lisboa</i>	<i>Cais e Rio</i>
<i>Lisboa Pitoresca</i>	<i>Museus de Lisboa</i>
<i>Estufa Fria</i>	<i>Parque Florestal de Monsanto</i>
<i>Miradouros de Lisboa</i>	
	Preço 12\$50

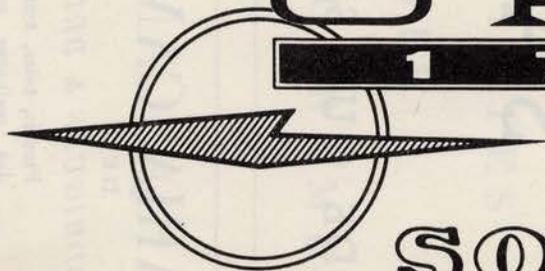
OUTRAS PUBLICAÇÕES

<i>Lisboa</i> , de LUÍS TEIXEIRA	Preço 15\$00
<i>Lisboa — Roteiro Turístico</i>	Preço 12\$50
<i>Lisboa Cidade de Turismo</i>	Preço 150\$00
<i>Lisboa e os seus encantos</i>	Preço 25\$00
<i>Postais Costumes de Lisboa</i>	Preço 1\$00

*Sensacional !...
o novo*



OPHEL
1700



EM EXPOSIÇÃO

SOREL

L I M I T A D A

RUA TOMAZ RIBEIRO, 97-A
Telef. P.P.C.A. 581 11 (6 linhas)

AV. ENG. DUARTE PACHECO
Telef. 68 28 61

CONCESSIONÁRIOS DA GENERAL MOTORS DE PORTUGAL

Na

LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.^a livros sobre
todos os assuntos escritos nas
principais línguas europeias

Damos informações biblio-
gráficas e aceitamos enco-
mendas para todos os países

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo 70 • Telefones: 3 05 82 - 3 05 83 - 32 82 20

Secção de revenda e armazéns Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

LISBOA-2

BEBE CERVEJA

SAGRES

A SEDE QUE SE DESEJA

PAPELARIA CAMÕES

DE

AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO, LDA.

• Pincéis, telas, tintas de óleo, aguarelas e guaches
das melhores marcas nacionais e estrangeiras

LISBOA, 2 — 42, Praça de Luís de Camões, 43 — Telef. 32 30 63

QUALIDADE
REQUINTE



CHOCOLATES

DROPS

CARAMELOS

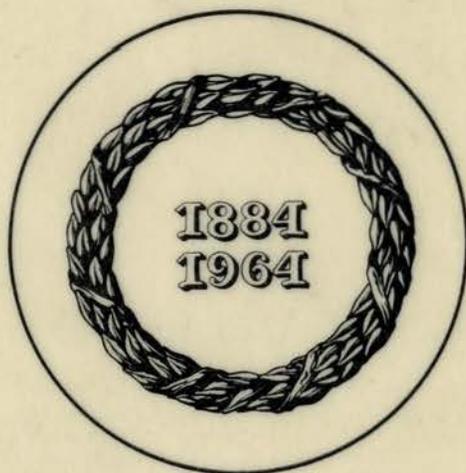
GELADOS



RAJÁ: o melhor que há



TRADIÇÃO E
PROGRESSO



BANCO BORGES & IRMÃOS

